

Um dia de Inverno

Basílio Rodrigues

Organização, introdução e notas de
António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *Um dia de Inverno*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Junho de 2007

ISBN: 978-972- 9249-08-2

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

1. Edições existentes no CEAMM

Desta “comédia” encontra-se no CEAMM um único exemplar, com dezassete páginas, fotocopiadas, possivelmente a partir do manuscrito original que não existe no Centro.

A nossa versão difere, ainda que ligeiramente, da publicada pelo GEFAC e recolhida em S. Martinho de Angueira, que deverá ser uma cópia, pois nela foram introduzidas algumas modificações.

O título, tal como se pode conferir pela primeira página da versão digitalizada, é “Um dia de Inverno”. Contudo, ela é também conhecida pelo subtítulo *O capote* que lhe advém do facto do enredo andar em torno do suposto roubo de um capote.

2. Origens

Este texto constitui um dos raros “colóquios” existentes no CEAMM, cuja criação pertence a autores locais. Desconhecemos se o enredo se baseia ou não em alguma história verídica. O que sabemos é que os personagens e os espaços são decalcados da realidade, conformando quadros vivos e autênticos do viver quotidiano mirandês, no início do século XX.

3. Representações

Segundo informa Valdemar Gonçalves, “há notícia” de esta comédia “ter sido representada por volta de 1940”. Mais recentemente, “na década de 80, foi igualmente representada na Póvoa e em Malhadas em 1992.” Nesta última localidade acaba igualmente de subir ao palco no dia 8 de Abril de 2007.

Também o GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra, o tem representado em várias ocasiões informando, na versão publicada, que “há notícia de uma representação por volta de 1940.”

*Chegam as figuras ao “taboado”, fazem o giro,
recolhem-se cada uma para o seu “logar” e
Crespim e diz:*

CRESPIM

Venho anunciar-vos, povo honrado,
O que vamos representar
As passagens desta obra
Que agora vamos principiar.

Aconteceu há dias um passo
Um passo de admirar
Prestai a vossa atenção
Ao que eu vos vou contar.

No concelho do Vimioso
Freguesia de Vilar Molhado
Aconteceu o tal sucesso
Que vai ser representado¹.

Chovia que Deus a dava
Pelos últimos dias de Janeiro
Veio um rapaz das vacas
Que tinha estado num lameiro.

Chegou a casa molhado
Com vontade de *ceiar*²
Pendurou o capote num carro
E foi a roupa mudar.

Diz o pai para a família
Quando estavam a ceiar:
Hoje tocamos às almas cedo
Pitágoras, vai já tocar.

O rapaz obedece ao pai
E põe-se logo a andar
Vai em busca do capote
Com tenção de ir a tocar.

O capote não aparece
Que tinha sido roubado
Por mais voltinhas que deram
Não foi possível encontrá-lo.

Correram currais e palheiros
Correram lojas e tabernas
Deram tantas voltas *tam*

¹ Foi riscada a versão “que nós vamos representar”.

² Por “cear” (por influência de “ceia”?)

Já nem se tinham nas pernas

Então o pai mui astuto
Depois de muito pensar
Repartiu a família toda
Pelas ruas do lugar.

Saiu então Leopoldo
Apresentou o capote logo
Foi assim que apareceu
Nem podia ser de outro modo.

Corre Pitágoras ligeiro
A avisar a família toda
Que ficou toda *contenta*
Com aquela boa nova.

Vereis também Serafina
Chamando pelo Carrapatas
Para mijarem ambos juntos
Olhai que cousas tão *guapas*³.

Lucrecia mãe de Pitágoras
Promete muitas promessas
Aos santos e santas do Céu
Até prometeu fazer festas.

Rezou muitos padres-nossos
Fez mui grandes rezadas
Mas o capote apareceu
Foram bem aproveitadas.

Rezou ela e o Pitágoras
Muitos rosários de quinze dezes
Deus lhes dê muita saúde
Para os rezarem mais vezes.

Cumpriram as promessas todas
Nada ficaram a dever⁴
[Agora que tenham cuidado
Não o voltem a perder.

Aqui vos deixo resumido
O que vamos representar
Logo o vereis muito mais claro

³ Forma mirandesa. Cf. português “bonitas” e castelhano “guapas”.

⁴ Na nossa versão, fotocopiada, esta intervenção termina aqui. Por isso, acrescentamos, entre parênteses rectos, os versos que constam na edição do GEFAC.

Que eu vos estou a falar.

Pára aqui minha cantiga
Desculpai-me os erros todos
Logo eu cá voltarei
A falar-vos doutros modos.]

*Sai Pitágoras e sua mãe Lucrecia e diz
Pitágoras:*

PITÁGORAS

Maldito dia de Inverno
Em que venho todo molhado
Triste vida de boieiro
E mais do pastor de gado.

Veja lâ, ó minha mãe,
Tenho razão em me queixar
O capote vem todo molhado
E eu estou a pingar.

Mal *rais partam* as vacas
Eu não torno para o lameiro
Melhor me era ter jejuado
E estar deitado num palheiro.

LUCRÉCIA

Razão te sobeja, meu filho,
Mas eu cá é que não sei delas:
Preciso é molhar o lombo
Paca depois vender as vitelas.

Eu e tua irmã Carlota
Também tivemos bem trabalho
Andivemos o dia todo
Metidas em grande bandalho.

Fizemos a cama aos porcos
Deitámos palha às vacas
Fritámos os ovos das galinhas
Que encontrámos nas buracas⁵.

O teu pai e o Januário
Juntaram o estrume todo
Assim foram passando o dia
Como te estou contando o modo.

Anda lá pois, ó Pitágoras,

Pendura aí o capote
Que eu também pus a enxugar
As chocas do meu saiote.

As vacas estão acomodadas
Vai-te pois lá a mudar
Arranja-te quanto antes
Que vamos já a *ceiar*.

Recolhem-se. Sai Crespim e diz

CRESPIM

Ora queixa-se o Pitágoras
De que vem todo molhado
Mas passou o dia todo
Ao pé duma touca deitado.

Queria-se levar boa vida
Metido n'algum buraco
Mas a honra e o proveito
Não cabem ambos num saco.

*Fica-se admirado vendo sair Leopoldo o qual se
encontra com a Filomena e diz Leopoldo:*

LEOPOLDO

Ó minha gentil Filomena
Querida muito adorada
Ainda não te tinha visto
E já vai a semana passada.

*Deita-lhe o braço e chegando-se junto do capote
pendurado toma-o, “cubrem-se” ambos com ele e
diz Leopoldo:*

LEOPOLDO

Olha que pronto aqui está
Quem o deixou não tinha frio
Mete-te cá debaixo dele
E anda pr'aqui comigo.

Recolhem-se ambos e diz Crespim:

CRESPIM

Sempre se vê cada uma
Cá pelas nossas portas
A qualquer calham direitas
E a mim vão-me todas tortas.

Não vedes o Leopoldo
E a dona Filomena

⁵ As “buracas” são as concavidades, abertas nas paredes de pedra, geralmente destinadas a colocar e guardar pequenos objectos.

Lá se foram ambos juntos
Ninguém d'eles tenha pena.

*Recolhem-se e sai logo assustado encontrando
Victoria e Roberto e diz-lhe:*

ROBERTO
Ó Crespim, ó Crespim,
Não viste por aí meu pai?

CRESPIM
Vai para casa caladinho
E diz-lhe à mãe que já lá vai.

VICTORIA
Ó Crespim, se o não viste
Não me queiras enganar.

CRESPIM
Vai para casa, rapariga,
Que ele está-se a despachar.

*Sai Leopoldo com o capote coberto e “cubre” com
ele os pequenos e diz Leopoldo (o Crespim foge e
fica a uma ponta do “taboado”).*

LEOPOLDO
Que *vindeis* vós agora aqui
Com a rua toda molhada?
Não estáveis melhor ao lume
Fazendo alguma torrada?

Chega-te aqui, Victoria,
Anda cá tu, ó Roberto,
Cubri-vos com o meu capote
Que deve ser mais acerto.

ROBERTO
Nós vimos chamar meu pai
Pois são horas de ir cear.

VICTORIA
Estava ali o Crespim
E esteve-nos a *empontar*⁶.

⁶ A forma “empuntar” ou “empontar”, comum ao dialecto transmontano e certamente derivada de “ponto”, é muito comum em mirandês, significando “mandar embora”. Cf. castelhano, “empuntar”, que o Dicionário da Real Academia Espanhola regista como um regionalismo de Salamanca com significado idêntico ao mirandês.

Recolhem-se e diz Crespim:

CRESPIM
Uma destas tem que ver
E eu estou-me a admirar
Pois toda a pouca vergonha
Sempre há com que a tapar.

*Toca Música. Cobre o “taboado” e recolhe-se.
Sai Barnabé, Pitágoras e Lucrécia e diz
Barnabé:*

BARNABÉ
Pitágoras, meu filho,
Está a noite muito má
É bom ir tocar às almas
Prepara-te e vai já.

PITÁGORAS
Ainda não são oito horas
Bem vi que é muito cedo
Eu vou daqui a um bocado
Meu pai julga que tenho medo?

BARNABÉ
Eu não julgo que tens medo
Que bem sei que és destemido
Mas faz lá o que eu mando
E ficarás bem servido.

A noite está tormentosa
Chove que não é graça
Vamos todos cedo à cama
Que é aonde *milhor* se passa.

PITÁGORAS
Eu obedeço, meu pai,
Por respeito lhe guardar
Acenda-me lá a lanterna
Que eu vou então a tocar.

*Pega na lanterna, faz que vai tocar e
encontrando a menos o capote diz para o pai:*

Ó meu pai!
Uma destas que me faz admirar
Roubaram-me o capote
Em quanto nós a cear!

BARNABÉ
Tu estás tolo, rapaz,

Ou então enlouqueceste
O capote ninguém to roubou
Tu mesmo é que o perdeste.

Vais agora perguntá-lo
Depois que *ceiaste* primeiro
Naturalmente o que foi
Foi deixá-lo no lameiro.

LUCRÉCIA

Não, Barnabé, não foi isso
Não estejas assim a falar
O rapaz trouxe o capote
Eu bem lho vi pendurar.

BARNABÉ

Então que diabo é isso
Oh que feias imaginações
Nunca soube que a minha casa
Fosse covil de ladrões!

Pelas *ourelhas* do arcebispo
E pelas barbas do sacristão
Juro que mas há-de pagar
Esse maldito ladrão!

Nunca mais terei descanso
A *saver* do capote vou
E ele há-de aparecer
Juro à fé de quem sou.

Oh que família eu tenho
Que gente tão descuidada
Não sabeis guardar a casa
Maldicta corja danada!

Estais-me tirando o juízo
Nem eu sei por onde ele pára
Por uma pouca de vergonha
Não vos ponho a mão na cara.

LUCRÉCIA

Ora esta tem que ver
Tu estarás a sonhar?
Pois nós que culpa temos
De algum ladrão nos roubar?

Agora dás contra nós
Sem motivo nem razão
Pozeras-te tu de vigia
E *apanháras* tu o ladrão!

BARNABÉ

Tu faltas-me ao respeito
Ou estás zombando de mim?
Bem vês que sou pai de família
Não me deves falar assim!

Dás mau exemplo aos filhos
Que te ouvem assim lidar
Amanhã respondem eles
Como te ouvem falar.

Por isso, nem mais um pio
Não me faças agastar
Porque se chega o caso a mais
Não sei aonde vai parar.

Pitágoras, vai aonde há-de ir
Acavemos com esta lida
Os mais podeis-vos deitar
E eu vou tratar da vida.

Recolhem-se Lucrécia e Pitágoras vai tocar e diz:
Barnabé:

BARNABÉ

Eu estou de todo maluco
Ou trago a cabeça louca
Que *raís* de vida é esta
Que me dá fortuna tão pouca?

A cousa vai-se arranjar
Não resta tempo a perder
Eu me vou a preparar
Veremos como isso há-de ser.

Recolbe-se. Sai Crespim e diz:

CRESPIM

Ora eu estou pasmado
Nem sei o que *eide* dizer
Lembrou-me que o Barnabé
Golpeava a mulher.

Não me posso entreter
Já ali volta o Barnabé
Se conhece que tenho medo
Bem me prega um pontapé.

*Recolbe-se, apressado sai Barnabé coberto
com uma capa, trazendo um pau na mão e diz:*

BARNABÉ

Venho tão endiabrado
e se alguém me sai à frente
Já lhe tiro os chiadoiros
Que assim é o meu repente.

Com uma noite destas
Pode-se à franca andar
Sem temer o regedor
Nem os cabos do lugar.

Se encontro o ladrão
Cravo-lhe logo as unhas
Nem que faça doze mortes
De certo não há testemunhas.

Foge ladrão desgraçado
Que decerto não ficas vivo
Se te chego a pôr a mão
Faço-te da pele um crivo.

Com este cacete na mão
Não haja alguém que apareça
Nem que assim seja o Diabo
Eide rachar-lhe a cabeça.

Agora vou ter á taberna
Se há algum forasteiro
A cousa há-de-se arranjar
Juro por Deus verdadeiro!

(Caminha para a taberna):

Talvez fossem contrabandistas
Talvez sejam candongueiros
E talvez estejam deitados
Metidos por esses palheiros.

Eu farei a diligência
E não se há-de escapar
O gatuno ou ratoneiro
Que por força há-de malhar.

Eide velar a noite toda
Até 15 noites a fio
De mim não fazem caçoada
Assim espero e confio.

Chega à taberna e bate.

Quem está lá, ó minha gente,

Abram a porta faz favor
Na rua não se pára
Que a noite está mui pior.

Abrem a porta e vêem-se lá dentro alguns fregueses bebendo e jogando e continua:

BARNABÉ

Boas noites, meus senhores,
Que há por aqui de novo?
Não sabeis que haja alguém
De fora cá no povo?

TABERNEIRO

Eu cá por mim não sei
Em minha casa não há mais
Ninguém senão os que vedes
Olhai lá se os contaís.

BARNABÉ

Por este não há novidade
Que são bem intencionados
Mas dizei-me lá quem são
Os que estão ali deitados?

TABERNEIRO

Destes não desconfieis
Têm trazido bom caminho
Um está embriagado
Outro está cheio de vinho.

Um é o Manuel Carranha
Outro é o António Pedrão
Há três dias que daqui não saem
Estes pouca guerra dão⁷.

Na sala há outros poucos
Estão a jogar à sueca
O Carpanta e o Sardão
O Bordéus e o Rabeca.

Diga lá, ó Barnabé,
Você que anda buscando?
De o ver com essa cara
Nada me está agradando.

BARNABÉ

Eu ando endiabrado
Mais danado que um cão

⁷ “Dar guerra” é uma expressão bem mirandesa que significa “dar trabalho”.

Nós veremos estas danças
O resultado que dão.

Veio o meu Pitágoras das vacas
Com o fato todo molhado
Tirou então o capote
No carro o deixou colgado.

Então fomos a cear
Todos muito descansados
Sem nenhum de nós suspeitar
Que estávamos a ser roubados.
Nisto foi tocar às almas
E o capote não apareceu
Nem foi possível encontrá-lo
Por muitas voltas que deu.

Eu fiquei fulo de raiva
Pus-me tão arrenegado
Já ralhei com a família
Temos pintado o diabo!

Ladroeiras em minha casa!
Isso vai dar que sentir
Não é nada o que passou
Para o que vai agora vir.

Tenho dado já mil voltas
Buscando palheiros e fornos
Pois se apanhar o tal gatuno
Bem certo lhe parto os cornos.

TABERNEIRO
Tudo isso ainda é pouco
Ladroeiras ninguém quer
Fazem chegar a gente a ponto
Que se deita a perder.

A mim o ano passado
Não é preciso buscar mais
Também me roubaram uma albarda
Com cilha e atafais⁸.

Por isso, ó Barnabé,
Não se meta em fadiga
Tome lá, beba uma pinga
A ver se aquece a barriga.

Fala a taberneira⁹:

⁸ A “cilha” e os “atafais” são correias para prender a albarda.

[Beba, senhor Barnabé,
É uma pinga d’agradar]
Enterre pr’ái o focinho
É beber até fartar.

[Eu gosto da sua opinião
E das suas disposições]
Porque vejo que é capaz
De perseguir os maus ladrões.

BARNABÉ
Para não estar a cansar
Aceitarei logo à primeira
Depois vou a ver se chego
Lá para a porta da Parreira. *(Bebe).*

Adeus que me vou embora
À ver que notícias me dão
E o capote há-de aparecer
Ou eu hei-de ser como um cão.

Sai e encontra Crespim que lhe diz:

CRESPIM
Olá senhor Barnabé!
Como anda por aqui tão tarde?
Boas noites tenha enfim
E sobretudo Deus o guarde.

BARNABÉ
Retira-te longe de mim
Que pareces um *escariote*¹⁰
Olha lá, não foras tu
Quem me roubou o capote?

Crespim foge logo no princípio da quadra e fica no tabuado. Barnabé continua o seu caminho e diz:

Com uma noite assim
Não há a quem perguntar
Pelo desgraçado do capote
Ai no que isto virá dar!

⁹ Esta nota não aparece na edição do GEFAC, por isso as palavras são atribuídas ao taberneiro. Na nossa versão, esta intervenção, atribuída à taberneira, foi colocada no cimo da página, tendo sido cortados os dois primeiros versos de cada quadra. Acrescentamo-los, a partir da edição do GEFAC, entre parênteses rectos.

¹⁰ Em alusão a Judas Iscariote que, segundo os Evangelhos, foi o apóstolo traidor.

Quantos currais tenho corrido
E quantas lojas de gado
Sem resultado nenhum
É um tempo bem estragado!

Isto é já muito tarde
Hoje nada posso arranjar
Ainda que apenas me durma
Vou um pouco a descansar.

Entra para casa e diz Crespim:

CRESPIM
Coitado do Barnabé!
Anda à busca do capote
E vinha tão arrenegado
Julguei que me ia ao fagote!

Toca música. Recolhe-se. Sai Lucrecia olhando para o ar e diz:

LUCRÉCIA
Ó que noite tão escura!
Não sei que horas serão
As estrelas não se vêem
Tudo é escuridão.
O dia não se reconhece
Falta sempre o que se deseja
Mas eu a deitar-me não volto
Vou-me lá para a igreja.

Rezo minhas orações
Vou pedir aos santos todos
Que apareça o capote
Que apareça por todos os modos.

Se o capote aparecer
Prometo às almas benditas
Andar dez vezes às cruzes
Fazer-lhe preces infinitas.

Eu e mais o meu Pitágoras
Que também o tem d'obrigação
Cumpriremos estas promessas
De joelhos pelo chão.

Vai rezando a caminho da igreja o seguinte:

Santo Deus, Senhora minha
Anjos todos dos Céus

Santos e justos da terra
Cumprí os desejos meus.

Glorie Patri et Filio
Requiem meu Senhor
Lembraí-vos do meu pedido
Fazei-me lá esse favor.

Acto de contrição
Pesa-me, Senhor, na verdade
Não saber já do capote
Que estaria mais à vontade.

Chega à igreja, entra e lá se fica rezando com a porta fechada. Sai Crespim e diz:

CRESPIM
Requiem, Glorie Patri
Padre-nosso, Ave-maria
Sempre, sempre jaculatórias
Seja de noite ou de dia.

Andam de contínuo rezando
Afogados em orações
É cousa bem escusada
Ter tão largas devoções.

Toca Música. Corre o "taboado". Sai Lucrecia da igreja e diz:

LUCRÉCIA
Ó que noite tão medonha
Tão longa e tão escura
Dizem que a esta hora saem
Os mortos da sepultura.

E se acaso sai algum
Nesta hora tão tremenda
Lá me leva a mim com ele
Não é a *milhor* encomenda.

Já rezei às almas do Céu
De rezar apanhei um fartote
Lá pedi às onze mil virgens
Para que apareça o capote.

Ainda não se conhece o dia
À igreja vou voltar
O capote *hade* aparecer
Ou eu desfaço-me a rezar.

O capote *hade* aparecer
E *saveis* que me tem lembrado?
Talvez *cobrise* alguma *femia*
E esteja bem arrecadado.

Mas seja lá como for
Sempre as armas o demónio
Mas eu ainda faço outra
Vou responsá-lo a Santo António.

Entra outra vez para a igreja e sai Crespim que diz:

CRESPIM
Ó que mulher tão *biata*!
Ó que devoções tão compridas!
Os santos estão todos surdos
E as orações não são ouvidas!

Já me vou eu assomar
E ajudar-lhe à sua rezada
Senão chega a hora do almoço
E não se encontra despachada.

Crespim assoma-se à porta, recua para traz e diz:

Apre lá com tal mulher
Já não cai o meu Crespim
Trás os joelhos correndo sangue
Não me passe o mesmo a mim!

Toca Música. “Fás” algumas mugigangas¹¹ no tabuado e sai Lucrécia que diz:

LUCRÉCIA
O dia não se conhece
Já estou farta de rezar
Vou ver a minha família
Se trata em se levantar.

Aproxima-se Crespim e diz:

CRESPIM
Ó senhora Lucrécia,
Já se vai tão apressada?
Eu ando por aqui de sobra
Faço gosto em acompanhá-la.

LUCRÉCIA
Toda a noite tens andado
Fazendo caçoada de mim
Não me voltes a aparece
Tira-te diante, Crespim!

Foge assustado sem saber onde se “hade” esconder e Lucrécia caminha para casa encontrando Barnabé à porta e diz:

BARNABÉ
Por onde tens andado, Lucrécia,
Que te busquei com tanta gana?
Toda a noite a saber de ti
E não me apareceste à cama.

Olha que me tem lembrado
E trago-a já bem metida
Esta não me sai dos miolos
Que tu andas em má vida.

LUCRÉCIA
Ó homem tu estás parvo
Para dizer disparates tantos!
Eu andei toda a noite
Fazendo rezas aos santos.

A ver se o capote aparece
Tenho feito muita promessa
A metade já me não lembra
Trago perdida a cabeça.

Já quinze rosários rezei
Todos eram de quinze dezes
E se o capote aparecer
Hei-de rezá-los *cincuenta* vezes.

Pitágoras *hade* ajudar
A cumprir estas rezadas
E as mais promessas todas
Até que sejam acabadas.

BARNABÉ
Tu tens andado a rezar
E eu a correr palheiros
Por me lembrar que o capote
Fosse roubado por candongueiros.

Já busquei muitas esquinas
Também já fui à taberna
Já caí para aí num poço

¹¹ Palhaçada, gracejo, etc.

E já dei cabo de uma perna.

Agora trata-se d'outra
E esta não *hade* falhar
O capote *hade* aparecer
Custe lá o que custar.

Manda levantar a Carlota
Chama lá pelo Januário
Chama também o Pitágoras
Que eu já trago o juízo vário.

Arranja-me cinco cacetes
Devem ser de marmeleiro
Cada um levará o seu
Para castigar o ratoneiro.

Januário vai para o caminho de S. Pedro
Pitágoras para o Espírito Santo
Carlota para o caminho de Caçarelhos
E eu irei para o outro canto.

Tu, vais tocar às Ave-marias
Para que tudo se levante
Este é o melhor modo
De levar a nossa adiante.

Eu te vou a explicar
E tu irás vendo o modo
E afianço-te que o capote
Ainda não saiu do povo.

A ribeira vai crescida
As pontes todas encobertas
São estas as minhas medidas
E olha que batem certas.

Chama pois a rapaziada
Que venham já sem demora
O dia está já a romper
E vai-se aproximando a hora.

Recolhe-se Lucrécia e diz Barnabé:

A cousa vai estar séria
Comigo não *ãode* brincar
E o capote aparece
Que esta não pode falhar.

*Sai Lucrécia com cinco cacetes, acompanhada de
Pitágoras, Carlota e Januário e diz Lucrécia:*

LUCRÉCIA

Aqui tens o pessoal
Aqui estão já os cacetes
Mas olha não faças alguma
Repara bem no que te metes.

BARNABÉ

Cala-te para aí, Lucrécia,
Não me faças arreliar
Firmes aqui meus filhos
Fareis todos o que eu mandar.

CARLOTA

Prontos estamos, meu pai,
Para fazer o que for preciso
Nem que seja matar um homem
Beber-lhe o sangue enquanto vivo.

Ainda que eu não vista calção
Cumprirei o meu dever
Vou nem que seja ao Inferno
Assim prometo fazer.

JANUÁRIO

Eu também sou certo, meu pai,
Estou já bem precavido
Ordene o que eu hei-de fazer
Não ficará mal servido.

Aparece Crespim e diz para Barnabé:

CRESPIM

Ó senhor Barnabé,
Parece que vão armar barulho?
Eu também quero entrar nele
Deixem cá um estadulho¹².

BARNABÉ

Eu não sei o que faremos
Mas se *saves* comandar?
Entrega-te lá da gente
Dá ordens, manda marchar.

CRESPIM

Meus amigos, temos chegado
A uma hora de grande aperto
Mas eu confio em vós
Que lutareis com muito acerto.

¹² Forma mirandesa e também regional, significando pau ou fueiro que se coloca no carro de bois para segurar a carga.

Se virdes passar alguém
Quando estiverdes no vosso posto
Mostrai o vosso valor
Fareis assim o meu gosto.

Perguntai sempre quem passa
E se não quiser falar
Servi-vos logo do cacete
Zurrai nele até matar.

Ide à torre aos piolhos
E à freguesia dos queixos
Tirai-lhe logo os chiadouros
Deixai-o fora dos eixos.

Dá as vozes de comando:

Sentido! Direita, voltar!
Aos seus destinos!
Em frente! Marche!

*Toca o bombo. Tá tatará tatará...
Marcham Carlota, Pitágoras e Januário cada
um para o seu posto. Fica Barnabé, Crespim e
Lucrécia e diz Barnabé:*

BARNABÉ
Lucrécia, vai já tocar
Está o dia a romper
Puxa bem pelo badalo
Tu assim costumás fazer.

Eu e mais o Crespim
Lá vamos ao nosso destino
Tu vai também escutando
Tem sempre ouvido fino.

*Vai Lucrécia a tocar e o Barnabé e Crespim vão
ao seu posto e diz Crespim:*

CRISPIM
Ó senhor Barnabé,
Eu parece que tenho medo!
Se por aí alguém nos bate...
Como ainda é tão cedo!...

BARNABÉ
Não tenhas medo, Crespim,
Tu irás sempre ao meu lado
Com nós não entra ninguém
Nem que seja o puro Diabo.

Agora paramos aqui
Para ver o que sentimos
E se virmos que alguém passa
Depois é que nós saímos.

*Preguntamos logo quem é
E ele ade-o dizer
Quando não leva porrada
Mas porrada até morrer.*

Sai Serafina em camisa e diz Crespim:

CRISPIM
Ali vem uma rapariga
Olhe senhor Barnabé
Havemos de estar caladinhos
Esta já eu sei quem é.

SERAFINA
Que fria está a manhã
Mal fiz eu em me levantar
Com um tempo deste modo
Só na cama se pode estar.

Olha para Barnabé e Crespim, e continua:

Ó senhor Carrapatas,
Você não tem muito frio?
Aproxime-se um pouco mais
Venha daí mijar comigo!

CRISPIM
Lá te enganaste, Serafina,
Que não é o Carrapatas
Má lá vou mijar contigo
Para regar-mos as batatas.

*Serafina põe-se a mijar em direcção ao povo e o
Crespim faz o mesmo ao lado dela dizendo:*

CRISPIM
Eu quando me rogam aceito
Não quero enjeitar favores
Por isso lá vou mija
Com licença, meus senhores.

*Mijam ambos a um tempo e, depois de se
levantar, diz Serafina:*

SERAFINA

Enganei-me é verdade
Mas fizemos a nossa mijada
Agora volto para a cama
E já não quero mais nada.

Não digas nada a ninguém
Não andes lá falando em mim
Peço-te que guardes segredo
E digo-te adeus, ó Crespim.

Recolhe-se Serafina e diz Barnabé para Crespim:

BARNABÉ

Ó Crespim ficas aqui
Arrumado a estas telhas
Que eu preciso andar de frágua¹³
Tenho de calçar as relhas.

Diverte-te c'oa Serafina
Se por aí aparecer
Assim vai gastando o tempo
E pouco podes perder.

Vai-se em direcção à frágua e vai dizendo:

Que diabo de landaina¹⁴
Em que eu me chego a ver
Pois nem que dê mil voltas
O capote hade aparecer.

Chega à frágua e não encontrando lá o ferreiro aparece Sultão e diz-lhe:

SULTÃO

O ferreiro está na cama
Vieste cedo, Barnabé,
Com certeza a estas horas
Ainda não se *poz* a pé.

O capote aparece
Estão os pontos todos tomados
Os meus filhos estão à espera
Andam todos bem armados.

Se o ladrão for apanhado
Que não pode deixar de ser
Dou-te palavra, Sultão,
Que *milhor* lhe fora morrer.

SULTÃO

Pois faz todas as diligências
Para o apanhar, Barnabé,
E se precisares de mim
Então *saverás* quem Sultão é!

Eu sempre fui mui contrário
A essas patifarias
Se viesse à minha mão
Eram acabados seus dias.

Aí *bés* pois o meu génio
Olha que honrado é
Vou-me lá matar o *bixo*
Até mais logo, Barnabé.

Recolhe-se e fica Barnabé junto à frágua fazendo que tem frio. Sai Leopoldo de casa e encontra-se com Pitágoras e diz Leopoldo:

LEOPOLDO

Que fazes aqui, Pitágoras,
Tão cedo de madrugada
Com a rua cheia de lama
E a terra tão molhada?

PITÁGORAS

Passou-me esta noite um passo
Que não está nada a calhar
Pois roubaram-me o capote
Enquanto nós a *ceiar*.
Agora estou à espreita
A ver se alguém sai com ele
Para lhe deitar a unha
E depois malhar-lhe a pele.

LEOPOLDO

Não digas isso, rapaz,
Não fales d'essa maneira
Estou vendo que és capaz

¹³ “Frágua” é uma forma intermédia entre “frauga”, que se conserva em mirandês, e “forja”, como hoje se diz em português.

¹⁴ António Morais da Silva, no seu *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, edição de 1954, regista a forma “landainas” como um “provincianismo transmontano”, significando “paleio, tretas, história da carochinha”. Em mirandês moderno ocorre igualmente a forma “lindaina” significando justamente “historieta” ou “conto de pouco valor”.

De fazer qualquer asneira.

Olha lá o que eu te digo
Escuta o que eu te direi
Não te agastes com o capote
Fui eu que te o roubei.

Vinha passando à tua porta
Chovia como é bem certo
Então cobri-me com ele
A minha Victoria e mais Roberto.

Agora espera aqui
Pouco tempo *hasde* esperar
Que eu entre aqui ao quarto
E vou-te o capote buscar.

(Entra). Diz Pitágoras “emquanto” Leopoldo entra a buscar o capote:

PITÁGORAS
Não fazia que estava aqui
O meu capote, não, não!
Quem faria que Leopoldo
É que tinha sido ladrão?

Sai Leopoldo com o capote na mão e diz:

LEOPOLDO
Aqui tens o teu capote
Livre de todos os perigos
Não digas nada, Pitágoras,
E ficaremos sendo amigos.

Pitágoras toma o capote, “cubre-se” e diz:

PITÁGORAS
A cousa fica assim
Bem contra a minha opinião
É por seres tu, Leopoldo,
Ai se fosse outro ladrão!...

Eu estava tão danado!
Tinha o corpo todo em um fogo
Agora tudo passou
Adeus, Leopoldo, até logo.

Recolhe-se Leopoldo e Pitágoras volta para asa e diz para Lucrecia:

Bons dias, minha mãe,

Já o capote encontrei
Mas trago o corpo a tremer
Com o frio que apanhei.

Tinha-o levado o Leopoldo
Quando nós o *encontremos*¹⁵
Ele disse-me que foi
Para cobrir os seus pequenos.

Fosse ele lá como fosse
Que vá enganar outros tolos
Porque a mim essa conversa
Não me entra cá nos miolos.

LUCRÉCIA
O teu pai está na frágua
Vai-lhe dar a novidade
Que de certo ficará
Muito mais à sua vontade.

PITÁGORAS
Isso assim é muito bem
Vou já sem me demorar
Até logo minha mãe
Quando venhamos almoçar.

Caminha para a frágua e encontra Crespim que vem cheirando para o ar e diz:

CRESPIM
Não sei que diabo é isto...
É um cheiro tão fartote!
Ó Pitágoras, mas és tu...
A que cheira o teu capote?

PITÁGORAS
O capote não cheira a nada
Que diabo *hade* cheirar?
São mas é as tuas ventas
Que as trazes sempre no ar.

Segue seu caminho e diz Crespim:

CRESPIM
Trazes uma grande fortuna
Em cima das tuas costelas
Não deixou de o Leopoldo
Deitar lá boas mistelas!

¹⁵ Por “encontrámos”.

Segue atrás de Pitágoras, fazendo mugigangas e chegando junto da frágua onde estão o ferreiro, dois malhadores e Barnabé e diz Pitágoras:

PITÁGORAS

Bons dias, meu pai,
Venho-lhe dar uma novidade
Olhe cá para o meu lombo
E ficará mais à vontade.

BARNABÉ

Já estou vendo, Pitágoras,
A minha descoberta foi boa
Porque já vejo o capote
Em cima da tua pessoa.

Vem o ferreiro da forja com um ferro caldeado, batem os malhadores fazendo grande espalhafato e diz Crespim:

CRESPIM

Apre lá com tais chalaças
Isto assim não é governo
Eu pensei que isto eram
As fornalhas do Inferno¹⁶.

Toca a Música. Somem-se todos e voltam a casa Carlota e Januário e diz Carlota:

CARLOTA

Ó minha mãe, faça lume
Que nós vimos a tiritar
Mal rais parta o capote
Que frio nos fez apanhar.

Nós maldito capote vimos
Andam bem arrecadados
Ninguém faz como o Pitágoras
Ninguém os deixa nos carros.

JANUÁRIO

Maldito seja o capote
E mais quem o capote levou
Podem levar também o dono
Que eu saber dele não vou.

LUCRÉCIA

Não fales assim, rapaz,
O capote já apareceu
Não tens o génio do teu pai...
Esse boa ideia deu.

Agora tu e Carlota
Não vos estejais a demorar
Ide já botar as vacas
Que nós vamos a almoçar.

Recolhem-se Carlota e Januário e também Lucrécia. Aparece Crespim e diz:

CRESPIM

Ora vedes a chalaça
Que toda vai em risote
Mas tantas voltas levou
Que apareceu o tal capote.

Mas todos ficaram bem
E o capote *milhor* ficou
Pois ganhou *bouas* insígnias
Dos serviços que prestou.

São obras de caridade
Em honra do Nosso *Sinhor*
Prestai agora atenção
Que vai sair a *milhor*.

Toca Música. Faz mugigangas e fica no "taboado". Saem Lucrécia, Pitágoras e diz Lucrécia:

LUCRÉCIA

Arranja-te lá, Pitágoras,
Vamos lá para a igreja
Temos de pagar o capote
É preciso que assim seja.

PITÁGORAS

Então diga-me, minha mãe,
Que eu não posso entender
Comprou o capote a algum santo
E ficou-o talvez a dever?

LUCRÉCIA

Não sejas tolo, rapaz,
Que eu *acavo* de dizer
Vamos cumprir as promessas
Pelo capote aparecer.

¹⁶ Na literatura oral e, de uma forma geral, na tradição, o ferreiro é uma espécie de demiurgo, inspirador de um respeito cerimonioso, que se revela na ambivalência da sua profissão no que tem de criadora e de infernal.

Temos muito que rezar
Ladainhas que dizer
Muitos rosários que contar
E não há tempo a perder.

Anda pois daí comigo
Para a igreja vamos lá
Vai fazendo o sinal da cruz
E vamos principiando já.

PITÁGORAS

Pelo sinal da santa cruz
Que o capote apareceu
Donis, donis requaterno
Cá em baixo e lá no Céu.

LUCRÉCIA

Acto de contrição
Não me pesa meu Senhor
O capote apareceu
Foi o que eu *cria*¹⁷ *milhor*.

PITÁGORAS

Rezemos ao anjo da guarda
Já que tão bem guardou
O capote apareceu
E eu bem contente estou.

LUCRÉCIA

Glorie Patri et Filio.

PITÁGORAS

Qual filho nem qual gatunhas
O capote já cá está
O que eu queria era botar-lhe as unhas.

Lucrécia dá-lhe uma bofetada e diz:

LUCRÉCIA

Ou tu rezas com atenção
Ou então vais apanhar
O capote já apareceu
Agora é preciso rezar.

Entram na igreja, ajoelham-se e rezam o seguinte:

LUCRÉCIA

Salve Rainha sem misericórdia
Nesta vida de amarguras
Já apareceu o capote
Agora dai-nos *bóas* farturas.

São José e Santa Polónia
Santa Marta e São João
Já apareceu o capote
Dizei-o lá a São Sebastião.

LUCRÉCIA

Um credo às onze mil virgens
Um *requaterno* a São Luiz
Já apareceu o capote
Tudo foi porque Deus quiz.

PITÁGORAS

Rezemos a Santo António
Nem que seja um triste dia,
A Santo Ambrósio um profundo
E outro a Santa Luzia.

LUCRÉCIA

Rezemos a ladainha
Olha lá como *ade* ser.

PITÁGORAS

Todos fiquemos¹⁸ contentes
Pelo o capote aparecer.

LUCRÉCIA

Santo Inácio e S. Cristóvão
Milhores não podeis ser

PITÁGORAS

Todos fiquemos contentes
Pelo o capote aparecer.

LUCRÉCIA

São Romão e Santa Oulaia
Ficais ambos a saber

PITÁGORAS

Todos fiquemos contentes
Pelo o capote aparecer.

LUCRÉCIA

Santo Adalto e Macário

¹⁷ Por “queria”.

¹⁸ Por “ficámos”.

Cá vos viemos a dizer

PITÁGORAS

Todos fiquemos contentes
Pelo o capote aparecer.

LUCRÉCIA

S. Joaquim e Santa Mónica
Ficais ambos a *saver*

PITÁGORAS

Todos fiquemos contentes
Pelo o capote aparecer.

LUCRÉCIA

Santa Luísa de Gusmão
Ensinai-nos a bem morrer

PITÁGORAS

Todos fiquemos contentes
Por o capote aparecer.

LUCRÉCIA

Santo Inácio de Loiola
Ponde as fogueiras a arder

PITÁGORAS

Todos fiquemos contentes
Por o capote aparecer.

LUCRÉCIA

Santos todos e santas
Chegou o capote [a] aparecer

PITÁGORAS

Guardainos-o sempre bem
Para que se não torne a perder

LUCRÉCIA

Vamos agora andar às cruces
Que temos muito que andar
Não as *acavando* hoje
Temos que amanhã tornar.

PITÁGORAS

Esta já eu a papo
Minha mãe pegue lá n'essa
Eu rezo sete d'uma vez
Para as acabar depressa.

*Vão ajoelhando de umas para as outras e diz
Lucrécia:*

LUCRÉCIA

Não atrapalhes a reza
Que não é do meu agrado
Bem *saves* que o capote
Não apareceu atrapalhado.

PITÁGORAS

Mexa-se então, minha mãe,
Vá rezando d'esse lado
São horas de botar as vacas
E não está o caldo migado.

LUCRÉCIA

Não deixes na igreja o capote
Segura-o por todos os modos
Vamos lá então para casa
Recoatemo aos santos todos.

Saem da igreja e aparece Crespim e diz:

CRESPIM

Estão as rezas todas feitas
Nada se ficou a dever
Agora arrecadem o capote
Não o voltam a perder.

Findou aqui a comédia
Como *visteis* meus amigos
Os trabalhos do capote
Correndo por tantos perigos.

Agora aguardai um pouco
Que tenho para vos dizer
São os dias mui pequenos
Não há tempo a perder.

Não sei se ficais entendidos
Ou se é preciso mais falar
Isto só quer dizer
Que não há tempo *p'ra* jantar.

Podei-vos pois ir embora
Ficais despachados por mim
Se perguntarem quem vos mandou
Dizei que foi o Crespim.

Por isso os senhores de Angueira
E também os de S. Martinho

Se já receberam a *geira*
Que a contem pelo caminho.

À gente da Especiosa
Pedimos-lhe por favor
Tenham cuidado nos santos
Não vos caiam do andor.

Agora os senhores da Póvoa
Não temos que lhes dizer
Adeus até Santo Estêvão
Que lá os iremos ver.

À mocidade de Malhadas
E mais as mulheres todas¹⁹
Ainda podem cá voltar
A ouvir as nossas trovas.

Duas igrejas, Águas Vivas
Uva e Prado Gatão
Também lhes dizemos adeus
Até outra ocasião.

Adeus gente de S. Pedro
Para mais não há lugar
Avezastes boa feira
E nos *fiqemos* a apitar.

Perdoai senhores todos
Perdoai novos e velhos
Viva todo o ajuntamento
Viva a mocidade de Caçarelhos.

Desculpai as nossas faltas
E os erros que cometemos
Isto foi armado à pressa
E por isso mal aprendemos.

A festa não pára aqui
Ainda *bade* durar três dias
No dia de entrudo à noite
Sairão outras cantigas.

Trovas de Burros e Burras
Tudo é de burricada

Mas hoje paramos aqui
Dando-a por *acavada*.

FIM

¹⁹ Este verso foi reescrito, vendo-se que a letra é de António Mourinho, lendo-se agora: “Damos-lhe melhores novas”. O autor tentou certamente fazer esquecer o apodo das mulheres de malhadas, “todas”, assim como a história que terá estado na sua origem.